

ENTRE

Paula Rego | **Cruzeiro Seixas**  
*Um cadavre exquis*

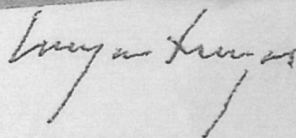
Maria João Cantinho | *O conto-parábola*  
*Caligrafia da Solidão*

José Marinho |  
**Aforismos sobre o teatro e o**  
**drama oculto**

# CRUZEIRO SEIXAS | *o surreal em chamás* Dossier de 50 páginas |

Poesia e pintura inéditas

**entrevista**  
testemunhos de Cesariny,  
Herberto Hélder e outros





### Uma nota inédita sobre Cruzeiro Seixas

Artur Manuel Rodrigues do Cruzeiro Seixas est né à Amadora le 3 de décembre 1920. Il fréquente l'Ecole des Arts Décoratifs António Arroio jusqu'à la cinquième année de dessin. Il prend part aux activités du Groupe Surréaliste Dissident et participe à ses deux expositions (1949 et 1950). Cette même année il s'engage dans l'équipage du navire Rovuma et parcourt tout l'Empire Colonial Portugais. Il s'installe à Luanda en 1952 où il réalise des expositions individuelles. Ces expositions provoquèrent un certain scandale dans la société angolaise. Il revient d'Afrique en mai 1964 et s'installe à Lisbonne, où il dirige la Galerie São Mamede, puis il entre au Secrétariat d'Etat de la Culture. Plus tard il est muté à Faro et réside alors à São Brás de Alportel. Il revient à Lisbonne en Octobre de 1989. Actuellement il est retraité de la S.E.C. et dit qu'il ne peint plus.\*

1991

---

\* Texto inédito de Isabel Meirelles (ou Meyrelles), pintora, escultora, tradutora, poetisa. Nasceu em 1929, Matosinhos. Veio para Lisboa estudar, ligando-se por danças e andanças ao anti-grupo dos surrealistas. Algumas imagens míticas do grupo – Mário-Henrique Leiria, Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas e António Maria Lisboa – foram registadas no seu atelier, ou no telhado deste, rua do Ferragial de Baixo, Lisboa. Não expôs porém em 1949 na I Exposição dos Surrealistas nem no ano seguinte na II Exposição. Foi em 1950 para Paris, onde estudou escultura na Escola Nacional de Belas-Artes e literatura na Sorbonne. Estudou ainda com Zadkine na academia de La Grande Chaumière, a mesma onde Vieira da Silva encontrara Arpad Szenes. Mário Cesariny, em 1964, ao abrir as pesquisas com vistas à construção dum livro sobre a obra de Vieira da Silva, tomou a casa de Isabel Meirelles por abrigo; cita-a por isso no "Diário de Composição", escrito em Paris entre 27 de Maio e 11 de Julho e incluído em A Cidade Queimada. É dela a versão "Chronologie du Surréalisme Portugais" de Mário Cesariny, publicada na revista Phases (nº 4, 1973). Nesse texto, cujo título original é "Para uma Cronologia do Surrealismo em Português", não se esquece o autor de dizer Isabel Meyrelles, velha companheira das primeiras acelerações do aparelho respiratório. Como poetisa publicou cinco livros: Em Voz Baixa (1951), Palavras Nocturnas (1954), O Rosto Deserto (1966), Le Livre du Tigre (1977) e O Mensageiro dos Sonhos (2004). O livro de 1966 comporta ainda um poema de Mário Cesariny, "Ode a outros e a Maria Helena Vieira da Silva", traduzido para francês por Isabel Meirelles; o poema-ode foi captado entre os finais de 1964 e os inícios de 1965, quer dizer, na passagem da casa de Isabel Meirelles, em Paris, para a de Ricarte-Dácio, em Londres; teve com certeza a sua primeira publicação no livro de Meirelles. Foi próxima de Natália Correia, que lhe traduziu para língua autóctone alguns dos poemas escritos na origem em língua gaulesa – por exemplo se dão os poemas de 1966 escritos em francês e dados à estampa no traslado português de Natália – e a incluiu na antologia O Surrealismo na Poesia Portuguesa (1973). Da associação das duas saiu o Botequim, 1971, no largo da Graça, Lisboa, pedra miliária da boémia cultural lisboeta antes e depois dos Cravos. Muito próxima também de Cruzeiro Seixas, que logo lhe ilustrou o livro de estreia, bisando depois em 1966 e em 1977, e hoje a trata por mana. A escrita poética de Isabel Meirelles, marcada por aspectos do amor louco ou incendiário, mereceu os encômios de Mário Cesariny, que nela viu forma afim da sua criação. A escultura, pela (des)ordem animalística, já foi aproximada da obra pictórica de Leonora Carrington. Vejo nela um universo onírico, fundindo em metamorfoses doces e unas elementos contraditórios, vindos em simultâneo da cultura mítica e da natureza selvagem. Estas imagens – ponha-se aqui, por exemplo, um pé em bronze, cujo tomozelo termina em cabeça de falcão – estão próximas daquela vertente luminosa e transcendente que se encontra como modo de delírio da alma no desenho psíquico de Cruzeiro Seixas. Estamos longe de qualquer pequena ou grande brincadeira caricatural tão do gosto do abjeccionismo, mais interessado no plano denso e sinistro do real quotidiano do que no plano imaterial, psichelíaco, do supra-real. (A.C.F.)